

# **A HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

**DE COLÔNIA NO NOVO MUNDO  
A SUPERPOTÊNCIA GLOBAL**

**KIERON  
CONNOLLY**



**ALTA BOOKS**

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024

# SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo 1. <b>Um Novo Mundo</b>	11
Capítulo 2. <b>A Guerra de Independência Americana</b>	37
Capítulo 3. <b>A Ida para o Oeste</b>	53
Capítulo 4. <b>A Guerra de Secessão</b>	71
Capítulo 5. <b>Liberdade e Fechamento da Fronteira</b>	89
Capítulo 6. <b>A Nova Era</b>	107
Capítulo 7. <b>Segunda Guerra Mundial</b>	125
Capítulo 8. <b>Início da Guerra Fria</b>	143
Capítulo 9. <b>O Movimento dos Direitos Civis</b>	157
Capítulo 10. <b>A Década de 1960</b>	173
Capítulo 11. <b>Revolta e Renovação</b>	191
Capítulo 12. <b>A Única Superpotência</b>	205
Bibliografia	221
Índice	222



# UM NOVO MUNDO

De 1492 à década de 1760, a América do Norte, até então isolada, passou a representar liberdade e oportunidade para os europeus livres. No entanto, para os povos nativos, os condenados e os escravos africanos, significou doença, remoção e servidão. O Novo Mundo teve um nascimento sangrento.

**A**tualmente aceita-se que os primeiros americanos eram povos do nordeste da Ásia que viveram entre 12.000 e 10.000 a.C. e foram a pé da Ásia para a América. Hoje, 89 quilômetros de água separam a Sibéria do Alasca, mas na última grande Idade do Gelo o nível do mar estava uns 90 metros mais baixo, de modo que deve ter surgido um trecho de terra coberto de capim entre os dois continentes. Se não atravessaram a pé, sugere-se que os primeiros americanos migraram de barco e desceram pelo litoral do Oceano Pacífico, para depois avançar para o leste e para o sul pelo continente. Não importa o modo, foi de lá que vieram.

Houve migrações posteriores também. Os ancestrais dos inuítes provavelmente atravessaram o Estreito de Bering em barcos há uns 5 mil anos. Por volta do ano 1000, Leif Erikson fundou um povoado nórdico que hoje chamamos de Vinlândia, na extremidade da Terra Nova. No entanto, sua migração teve pouco sucesso; em um século, a Vinlândia foi abandonada.

As estimativas variam muito, mas hoje acredita-se que havia de 5 a 12 milhões de americanos nativos ao norte do México, no fim do século

**PÁGINA AO LADO:** Cristóvão Colombo procurava uma rota ocidental para a Ásia em 1492, quando encontrou as Bahamas. Suas viagens subsequentes exploraram o Caribe e partes da América do Sul e Central, mas nunca a do Norte.

**PÁGINA AO LADO:**  
Popularmente conhecido como descobridor da América, Cristóvão Colombo morreu em 1506, ainda defendendo que a América não era um continente separado, mas parte da Ásia.

XV. Não eram uma sociedade única, e sim tribos numerosas que, embora conectadas pelas redes de comércio, falavam línguas diferentes e, em geral, eram hostis entre si.

Também havia sociedades inteiras que ascenderam e caíram até o ano de 1300, muito antes de os europeus aparecerem. Os povos mais avançados que construíram os túmulos de Cahokia, no Illinois, ou o povoado de Pueblo Pintado, no México (obras muito diferentes de tudo o que faziam as tribos sobreviventes), ainda confundem os arqueólogos de hoje.

Em 1492, o continente norte-americano mudou para sempre quando o explorador genovês Cristóvão Colombo atravessou o Oceano Atlântico em busca de um novo caminho marítimo para o Extremo Oriente e encontrou as Antilhas. As primeiras ondas de exploração, conquista e colonização realizadas por espanhóis, franceses e ingleses talvez fossem causadas por ganância, armamentos ou seguissem orientação divina, mas, em todos os casos, os recém-chegados trouxeram a mesma arma que não percebiam que tinham: os micróbios.

### Doença

Isolados do resto do mundo, os povos da América nunca tinham sido expostos a resfriado, gripe, lepra, febre tifoide, peste bubônica, sarampo, cólera e, o mais devastador, ao vírus da varíola. Embora muita gente na Europa ainda morresse de varíola, com o passar dos séculos expondo-se, os europeus adquiriram alguma imunidade ao vírus, o que os nativos não tinham.

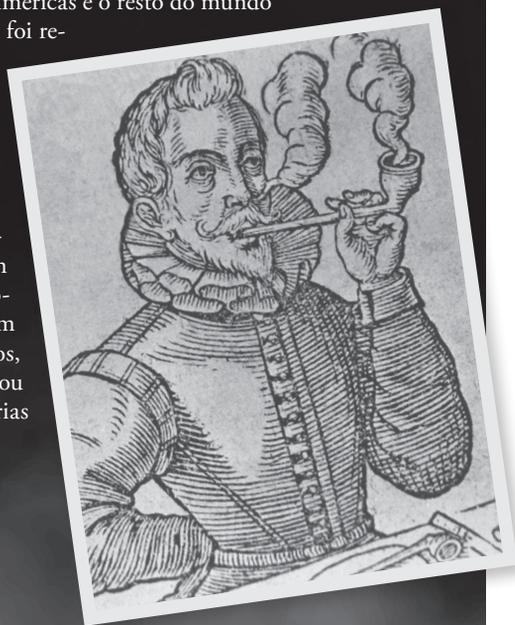
Enquanto os espanhóis levavam doenças para a Flórida e o Mississipi, no século XVII a presença francesa no norte, no vale do São Lourenço,

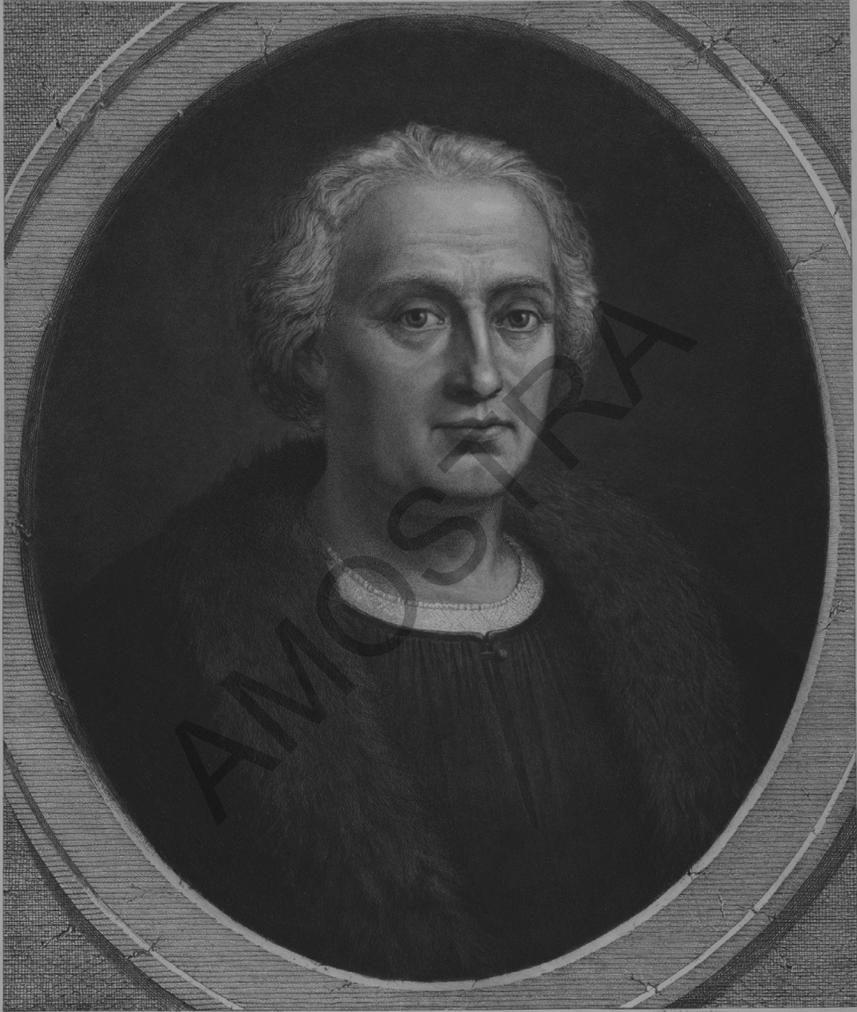
## BATATAS, CAVALOS E VACAS

O deslocamento de animais e plantas entre as Américas e o resto do mundo depois de 1492, além de mutuamente benéfico, foi revolucionário. Mudou o que as pessoas comiam e quanto comiam, como plantavam e quantos podiam ser alimentados. Ou seja, alterou o modo como as sociedades se desenvolviam.

Os exploradores espanhóis e ingleses levaram para a Europa batata, tomate, abacate, pimentas, peru e fumo. Nas Américas, as mudanças foram ainda maiores. Os cavalos tinham sido extintos lá por volta de 10.000 a.C., mas foram reintroduzidos pelos europeus, que também levaram arroz, cana-de-açúcar, álcool, porcos, ovelhas, burros, bovinos e trigo, o que possibilitou transformar o solo pouco promissor das pradarias americanas em terra cultivável.

À DIREITA: O mau hábito de fumar logo tornou-se popular na Europa, embora em 1604 o rei Jaime I da Inglaterra tenha avisado que era “perigoso para o pulmão”.





exterminou a maior parte dos índios *hurons* e iroqueses. Os ingleses também fizeram sua parte: o povoado de Plymouth foi construído pelos peregrinos do navio *Mayflower* no local de uma aldeia indígena eliminada por vírus que os ingleses levaram.

**“Até a década de 1860, a  
varíola continuou a ser a grande  
assassina de americanos nativos.”**

ABAIXO: Para enfrentar as doenças contraídas de europeus, os nativos da Flórida cuidavam dos enfermos: (à esquerda) abriam o crânio para remover o sangue doente; (à direita) fumigavam para remover toxinas.

sistiu com seus homens para que “experimentassem todos os métodos que servissem para extirpar essa raça execrável”.

Os europeus pegaram alguma doença na volta? Já se argumentou que levaram da América a bactéria da sífilis, mas o debate sobre a origem da sífilis no Velho Mundo ainda permanece.

Sem dúvida, a maior parte das infecções fatais teve mão única; até 1650, estima-se que a população americana nativa se reduziu a um décimo do que era antes do contato com os europeus. Na América do Norte, isso pode ter representado a redução de 5 milhões de pessoas para apenas 500 mil.

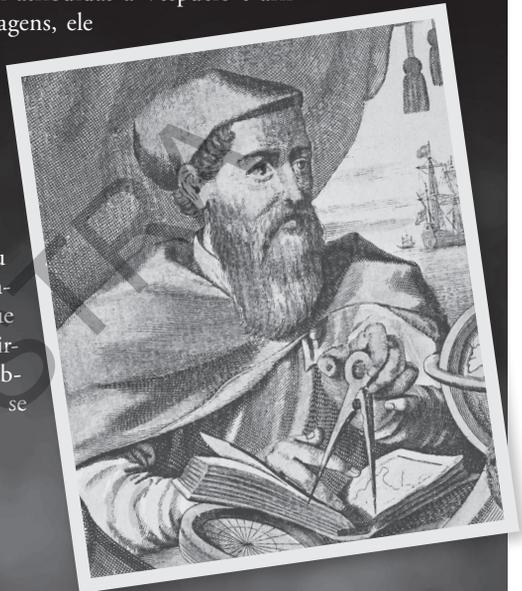


## O NOME DO NOVO MUNDO

Embora festejado nos EUA, Cristóvão Colombo nunca pôs os pés no que hoje são os Estados Unidos. Suas quatro viagens foram às ilhas do Caribe e às Américas do Sul e Central; ele sempre defendeu que a América fazia parte da Ásia.

Apesar de o continente ter o nome do viajante florentino Américo Vespúcio, este também não descobriu a América; ele não passava de um integrante sem importância das expedições ao Novo Mundo posteriores a Colombo. E como Vespúcio conseguiu dar nome ao continente? Por uma mentira de sorte.

Em 1504-1505, começaram a circular em Florença cartas intituladas *Mundus Novus* (Novo Mundo). As cartas eram forjadas, mas foram atribuídas a Vespúcio e afirmavam que, além de ser comandante nas viagens, ele descobriu o Novo Mundo. Vespúcio já havia escrito de fato sobre suas viagens, mas, como continham material sensacionalista sobre os hábitos sexuais e alimentares dos nativos, as falsificações tornaram-se muito populares. Enquanto isso, na França, Martin Waldseemüller criava um mapa do mundo; ele usou as cartas forjadas como fonte e deu o nome do florentino à massa terrestre recém-descrita. Quando Waldseemüller soube que Vespúcio não era o pioneiro que as cartas afirmavam, removeu o nome dele dos mapas subsequentes, porém, o nome América já havia se difundido.

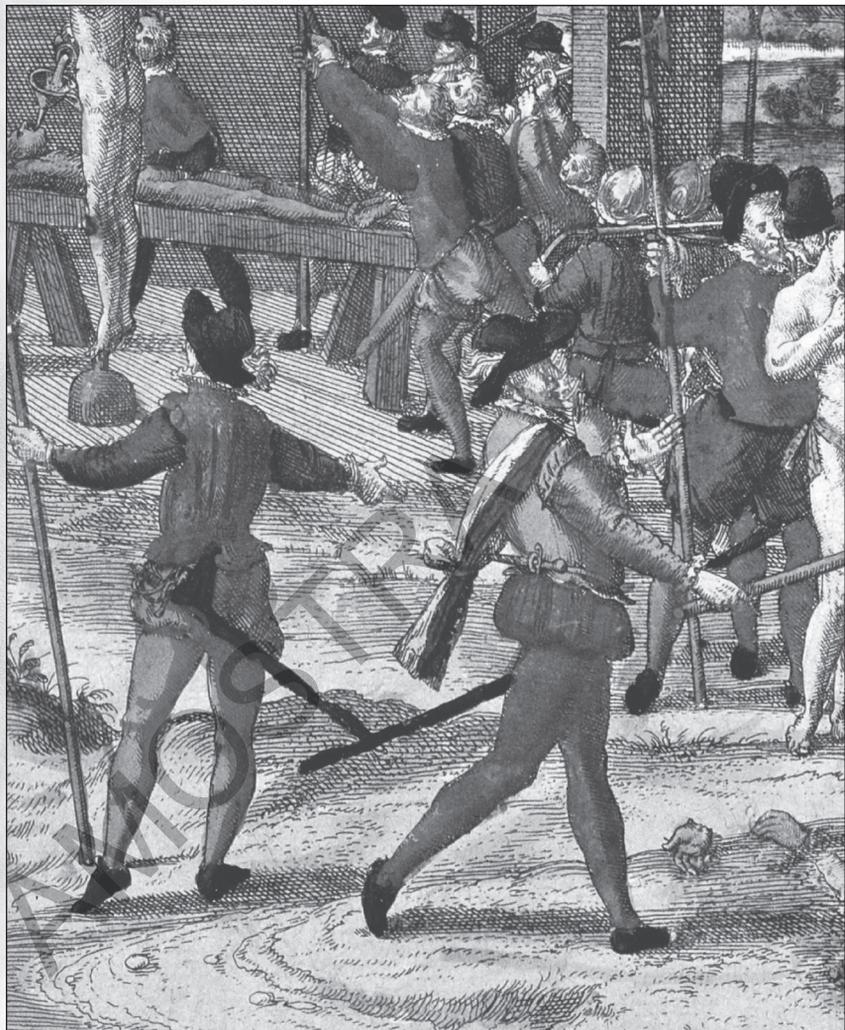


À DIREITA: Apesar de dar nome à América, Américo Vespúcio não descobriu o continente nem comandou viagens ao Novo Mundo.

### As incursões espanholas

Como na América do Sul, os espanhóis se aventuraram pela América do Norte em busca de ouro e prata, mas se decepcionaram. A pequena quantidade de ouro que um pioneiro chamado Hernando de Soto encontrou entre os nativos da Flórida foi tirada pelos nativos dos naufrágios espanhóis anteriores, e De Soto não percebeu. Várias vezes, os americanos nativos alimentaram o sonho espanhol de que havia um El Dorado ao norte, localizado... “só a poucos dias” de viagem. Talvez fosse um jeito de se livrar dos espanhóis problemáticos e transferi-los para os vizinhos.

De Soto, que enriqueceu com as expedições entre os incas, desembarcou na Baía de Tampa em 1539 com quinhentos soldados, dezenas de cavalos e cães de guerra (mastins e lebréis irlandeses), além de centenas de porcos para comer. Sua sorte foi encontrar Juan Ortiz, sobrevivente de uma expedição anterior que vivia com os índios havia doze anos. Ortiz e índios



À DIREITA:  
Hernando de Soto  
comandou a primeira  
expedição europeia  
para penetrar nos  
profundamente nos  
atuais Estados Unidos  
e torturou aldeões  
na busca infrutífera  
de ouro na Flórida.  
Em resposta, os  
americanos nativos  
ficaram cada vez mais  
beligerantes contra os  
espanhóis.

sequestrados serviram de intérpretes enquanto De Soto atravessava o sudeste em busca de butim (o que pudessem saquear). Às vezes, eles sequestravam chefes de aldeias e exigiam resgate em alimentos, mulheres e escravos. Entretanto, conforme a notícia sobre De Soto se espalhava, a resistência aumentava e, em 1540, sua força foi atacada sob o comando de Tazcaluza: 22 espanhóis foram mortos e 148 feridos, enquanto cerca de mil indígenas morreram. Depois disso, as forças de De Soto tornaram-se mais violentas atacando e saqueando aldeias.

Em 1541, enquanto passava o inverno entre os *chickasaws* do norte do Mississippi, com poucos suprimentos e sem encontrar nenhuma riqueza, De Soto tomou a decisão de voltar ao México, porém, pouco tempo depois, morreu. Seus homens, após construir barcos e descer o rio Mississippi,



foram novamente atacados por centenas de índios. Vivos, mas sem pilhagem, os sobreviventes chegaram à Cidade do México em 1543.

A expedição de De Soto foi apenas uma entre muitas que exploraram o Sul do país no século XVI. Os exploradores causaram grandes danos, mas sofreram também com doenças e conflitos com as tribos indígenas. Em 1598, atacado pelos índios de Acoma Pueblo, no Novo México, Juan de Oñate viu o corpo do sobrinho ser jogado de um penhasco. Além de matar centenas em combate aberto, para usar o inimigo como exemplo, Oñate seguiu o costume espanhol da época e cortou o pé de todos os homens adultos aprisionados.

Em 1565, os espanhóis conseguiram fundar a cidade de San Agustín, na Flórida, e os frades franciscanos construíram missões nas quais

tentaram criar relações pacíficas com o povo indígena. Os espanhóis também tomaram esposas nativas com frequência. Mas a situação continuava precária e, no início do século XVII, o povo da etnia *guales* se revoltou e os espanhóis se retiraram. Em 1706, só sobreviveram San Agustín na Flórida e algumas aldeias sob controle espanhol.

## “Levaria dezesseis anos para os espanhóis recuperarem o Novo México.”

ABAIXO: Taos Canyon, no Novo México, foi o cenário da revolta dos índios *pueblos* contra os colonos espanhóis em 1680. Quatrocentos colonos morreram; os quatro mil restantes foram expulsos da província.

### A Revolta Pueblo

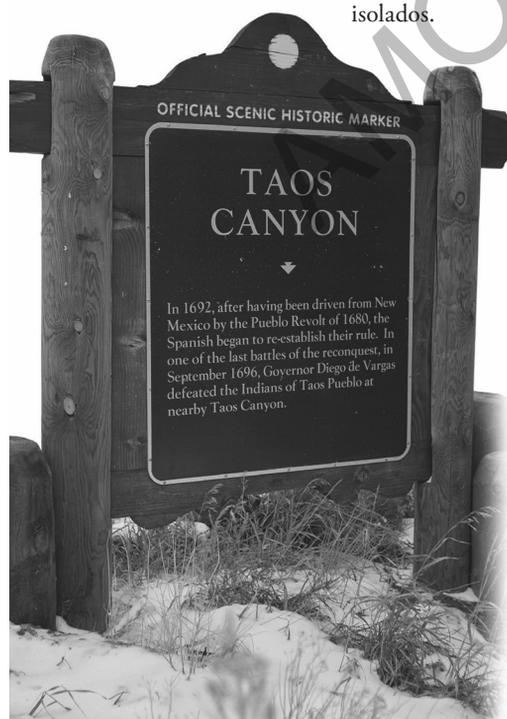
Com a conversão de alguns indígenas ao cristianismo, os espanhóis criaram uma divisão entre os americanos nativos e, no século XVII, houve ataques frequentes de apaches e *navajos* aos indígenas *pueblos* cristianizados do Novo México. Mais tarde, sofrendo com a seca e sob a ameaça das outras aldeias, os *pueblos* desistiram dos rituais cristãos e voltaram à antiga fé. A reação dos franciscanos foi prender 47 curandeiros espirituais *pueblos* e executar 3 em 1675 por bruxaria, enquanto os outros foram açoitados e presos por algum tempo. Cinco anos depois, os *pueblos* revoltaram-se e dirigiram sua ira contra 21 padres e missionários, que mataram, e mais 380 espanhóis. As igrejas foram destruídas e os líderes religiosos *pueblos*, numa inversão do batismo cristão, banharam os índios cristianizados nos rios para lavar a “mancha” do cristianismo.

Depois disso, as comunidades espanholas recuaram para o México. Os espanhóis levariam dezesseis anos para recuperarem o Novo México. Quando retornaram, vieram com mais humildade, sem tentar impor sua cultura e religião à força e aceitando um meio-termo cultural. Contudo, apesar do esforço, as colônias da Flórida, do Novo México e do Texas permaneceram como postos avançados da Espanha, extensos mas isolados.

### Os franceses

Enquanto os espanhóis entravam na América do Norte pelo Golfo do México, os franceses foram pelo nordeste e criaram um povoado no rio São Lourenço, em 1541. Embora tenham-no abandonado rapidamente, os colonos nomearam a região do rio de “Canadá”, palavra indígena local que significa “aldeia”.

No restante do século, os franceses se dedicaram a expedições de pesca e escambo com os povos do Golfo de São Lourenço. Assim, no início do século XVII, quando o comércio já estava bem estabelecido, construíram um entreposto comercial — em Quebec — onde os comerciantes de peles franceses fizeram aliança com os indígenas, principalmente os *hurons*. No entanto, isso os tornou inimigos dos inimigos dos *hurons*, os *iroqueses* das Cinco Nações. Por sua vez, os *iroqueses* aliaram-se e obtiveram armas com os inimigos da França, os holandeses, que haviam se instalado mais ao sul. Desse modo, os europeus e os americanos nativos aproveitaram as alianças e as hostilidades uns dos outros.

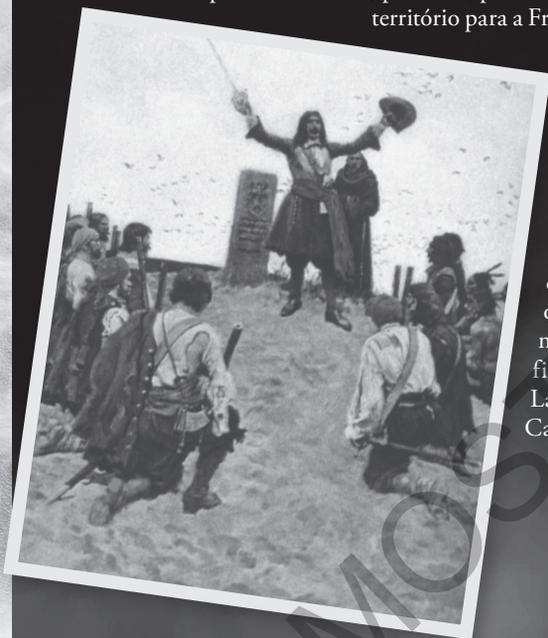




## DE CANOA PELO MISSISSIPPI

Uma grande mudança na sorte da França veio com René-Robert Cavelier, Sieur de La Salle, um ex-jesuíta que virou explorador. Com uma tropa de indígenas e franceses, ele criou fortes nos Grandes Lagos e, em 1682, desceu de canoa o rio Mississippi até o Golfo do México, embora não fosse o destino que buscava. Ele tinha esperança de encontrar uma rota para o Pacífico e, portanto, para a Ásia. Mesmo assim, reivindicou o novo território para a França e lhe deu o nome de Louisiana em homenagem ao rei Luís XIV.

A expedição seguinte de La Salle partiu da França e chegou à América pelo Golfo do México. Depois de uma viagem complicada em que três navios se perderam, ele desembarcou bem longe a oeste, e seus homens levaram três anos tentando encontrar a foz do Mississippi. Em 1687, sem nenhum objetivo à vista, os soldados se amotinaram e o mataram a tiros. Um triste fim, mas atualmente, as explorações de La Salle são comemoradas na França, no Canadá e nos Estados Unidos.



À ESQUERDA: O explorador René-Robert Cavelier, Sieur de La Salle, reivindicou a posse da região do Mississippi e chamou-a de “Louisiana” em homenagem ao rei Luís XIV.

Como os espanhóis na Flórida, os ingleses chegaram à Virgínia com esperança de encontrar ouro e uma passagem pelo continente até a Ásia. Só que não havia ouro, e logo eles comprovaram que não eram capazes de se alimentar. A ajuda veio dos *powhatans* locais, mas a boa vontade dos indígenas logo foi posta à prova. Em 1620, os colonos tomaram as terras dos

*powhatans* sem nenhuma tentativa de pagamento, o que os levou a matar 347 colonos em 1622, mais de um quarto do total. Depois de novas disputas, em 1644 os *powhatans* chacinaram mais quatrocentos colonos num só dia.

É de surpreender que os nativos, sem armas de fogo a não ser as que obtinham com os europeus, conseguissem infligir tamanhas baixas nos ingleses. No entanto, um arqueiro habilidoso conseguia atirar seis flechas bem miradas por minuto, enquanto quem usava mosquete daria, no máximo, três tiros por minuto. Mesmo assim, a mira era incerta à distância, e o mosquete tinha muitos defeitos.

**“Um arqueiro habilidoso conseguia lançar seis flechas bem miradas por minuto.”**

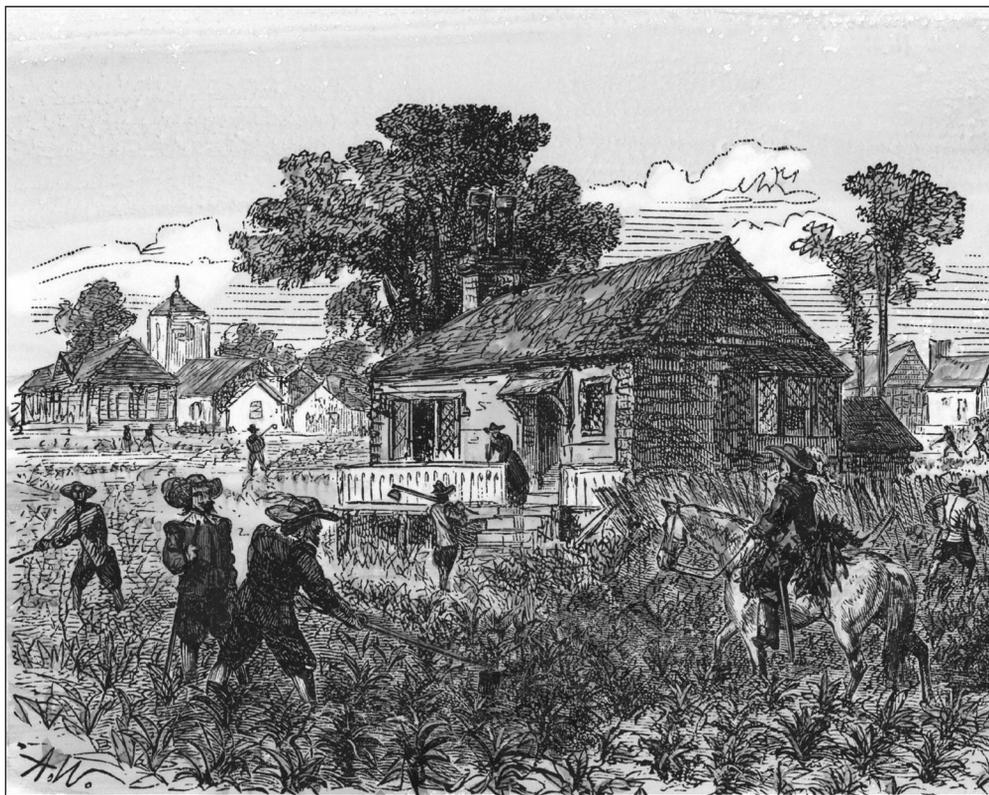


## Fumo

Embora não encontrassem ouro na Virgínia, os ingleses encontraram uma variante palatável de tabaco fumada pelos índios que, quando o negócio decolou, foi vendida na Inglaterra por até dez vezes o custo para produzi-la na colônia. O problema era obter mão de obra suficiente para o cultivo. Enquanto na Nova França a dificuldade era atrair migrantes, na Virgínia o problema era mantê-los vivos. De 1607 a 1624, cerca de 7.600 pessoas migraram da Inglaterra para a Virgínia, porém, depois de cerca de 20 anos, a população inglesa ainda era de apenas 1.200 habitantes e as doenças matavam muitos colonos. A população indígena local também se reduzia com as doenças, além de serem expulsas pela ocupação de terras.

Foram trazidos servos sob contrato para trabalhar nas fazendas. Os trabalhadores recebiam a passagem gratuita da Inglaterra à Virgínia, com um contrato de sete anos de trabalho para um senhor. Depois, estariam livres para trabalhar como assalariados e, se poupassem dinheiro suficiente, para comprar terras próprias — algo mais fácil de conseguir na Virgínia do que na Europa. Não que a vida fosse fácil; nos primeiros anos, a probabilidade de sobrevivência dos servos sob contrato era de 50%.

**ACIMA:** Apesar de terem armas de fogo, os europeus podiam ser vencidos pelos americanos nativos. Ao contrário do arco e flecha, o mosquete só podia atirar, no máximo, três vezes por minuto, e a mira à distância era incerta.



ACIMA: Os colonos ingleses não encontraram ouro na Virgínia, porém, os americanos nativos lhes apresentaram o tabaco. Seu cultivo para exportação visando o mercado europeu passou a ser a base econômica da colônia.

E a situação não melhorava. Com o fim da Guerra Civil Inglesa (1642–1651), o salário aumentou na metrópole. Emigrar para a Virgínia ficou menos atraente, e a tentativa de usar nativos escravizados para trabalhar na lavoura também não deu certo. Por conhecer o terreno melhor do que os ingleses, os habitantes locais fugiam com facilidade, e escravizar uma população com a qual os ingleses também precisavam comerciar era ruim para os negócios. Portanto, os grandes fazendeiros recorreram à solução adotada por outra colônia inglesa, Barbados, para a escassez de mão de obra: escravizar os africanos.

### Escravidão

A Virgínia e as Carolinas tornaram-se as primeiras colônias inglesas escravistas da América. Nos primeiros anos, os escravizados eram tratados como servos contratados e libertados depois de concluírem os anos do contrato. Num exemplo bastante extremo, em 1651 o ex-escravizado Anthony Johnson possuía 250 acres de terra (101 hectares) e tinha seus próprios escravos.

No entanto, com o tempo as condições de vida dos escravizados ficaram mais difíceis. Em 1662, a Virgínia adotou o princípio de que os filhos de mães escravizadas também seriam escravizados, fosse qual fosse a paternidade. Depois, em 1705, a colônia formalizou o código dos escravos,